

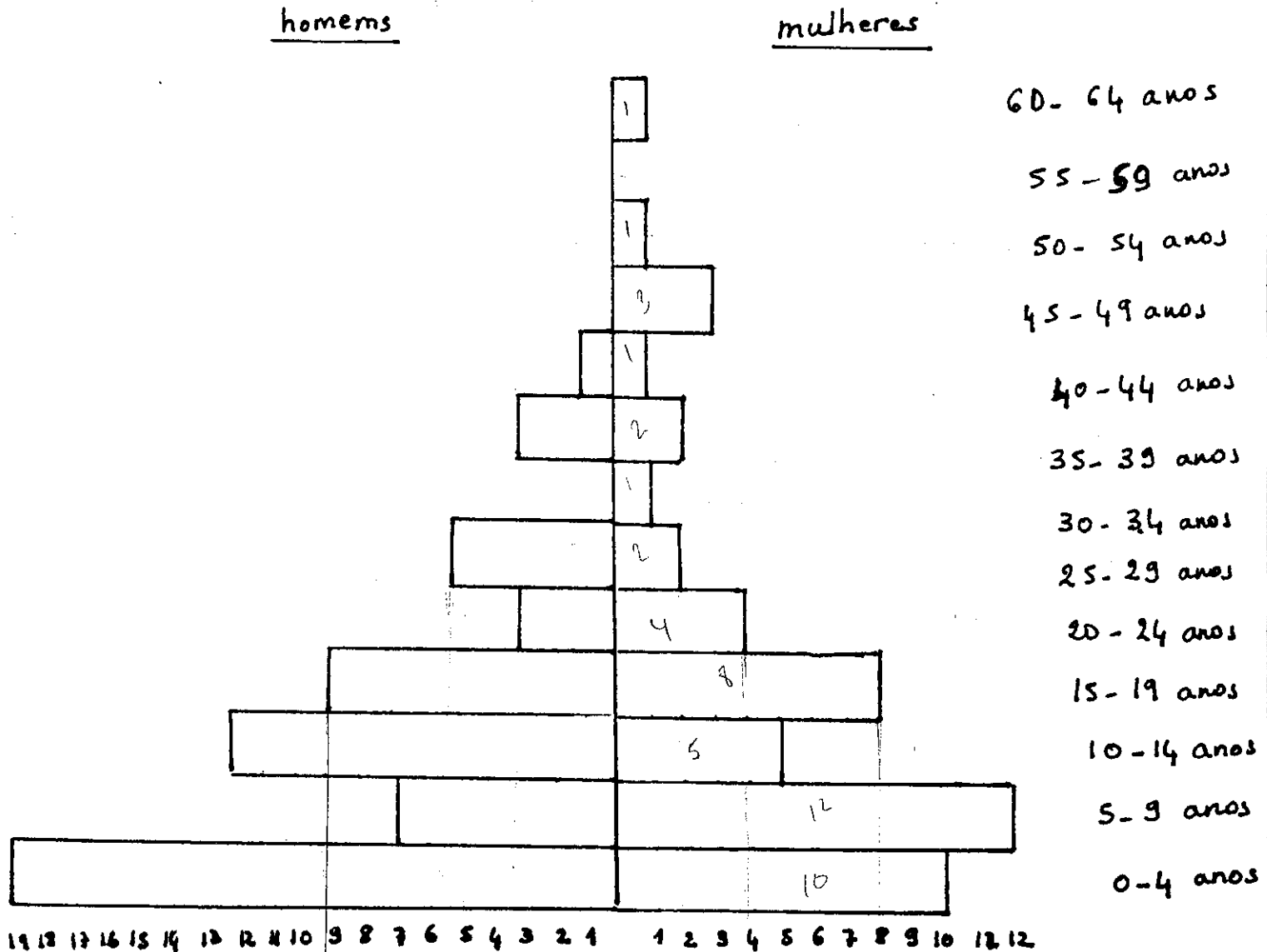
O antropólogo Philippe Erikson e sua esposa Hélène passaram em torno de um ano com os Matis do P.I.A. Itui (janeiro 85-fevereiro 86). Durante esse período, nós tivemos a ocasião de observar a evolução da sociedade Matis que tenta encontrar a melhor relação possível com a sociedade nacional com a qual está em contato permanente há três anos.

POPULACÃO :

Quando chegamos encontramos 101 Matis, e ao partirmos constatamos 109. Neste meio tempo nasceram onze pessoas (9 meninos e 2 moças) e morreram 2 crianças. A primeira, uma menina de dois meses, morta de uma doença infecciosa das vias urinárias, não podendo ser levada à cidade apesar dos repetidos chamados uma vez que todos os remédios do posto eram ineficazes. A segunda criança, um menino de seis anos criado no posto da Funai e rejeitado pelos Matis, desapareceu na floresta na primeira e única vez que acompanhou os Índios em expedição de caça.

Atualmente, a população é dividida em duas aldeias, uma maior no PIA Itui situada na embocadura do Boeiro, e uma menor a montante desse igarapé, a menos de duas horas de caminho.

A pirâmide das idades tem a seguinte forma :



(Fevereiro 86).

SAÚDE :

Os Matis queixam-se constantemente do estado de saúde em que se encontram desde seu contato com a sociedade, afirmando que a malária, doenças de pele, a tosse, as doenças venéreas, etc., não existiam antes.

Contudo, a situação médica dos Matis melhorou depois de ter passado por um período desastroso, e no momento atual é satisfatória. Apesar do abastecimento de medicamentos ser irregular em razão da insuficiência de meios de transporte da AJUSOL, a farmácia do posto é geralmente suficiente para atender à demanda -enorme- dos Matis.

O problema principal seria o consumo excessivo devido a :

- 1°) Os Matis tem muito medo das doenças de origem ocidental que mataram um terço da população somente no ano 1983. Logo, quando há um pequeno alarme, eles já exigem remédios.
- 2°) A medicina Matis (em particular os cuidados às crianças) é essencialmente preventiva, resultando assim num consumo constante de medicamentos por parte das crianças.
- 3°) Aliás, por razões culturais, os Matis preferem as injeções do que qualquer outra forma de medicamento, resultando uma consumação exagerada de antibióticos que pode ser extremamente perigosa a longo prazo.

Durante a nossa estadia, houve duas epidemias de gripe transmitidas pelos Marubos. Elas foram bem tratadas mas deixaram os Índios muito debilitados e amargos.

Houve também alguns casos de malária e de leishmaniose que puderam ser tratados no local (salvo 2 doentes que foram levados para a cidade, contra sua vontade, na lancha Arari que deveria trazer medicamentos ao IIA mas os esqueceu na cidade. O responsável desta viagem, contra a opinião dos interessados e do resto do pessoal da Funai, decidiu que não poderia esperar 24 horas para ver se a evolução do doente justificaria a evacuação.)

No momento atual, o principal problema vem de uma gonorréia que será muito difícil eliminar. Isto é extremamente preocupante em razão dos riscos de esterilidade que esta doença provoca a uma população já reduzida.

Em fevereiro de 86, uma equipe médica da Funai veio tratar desse problema não podendo resolvê-lo completamente devido à falta de um microscópio que permitisse fazer os exames necessários no local e tratar as pessoas atingidos imediatamente.

A mesma equipe vacinou a população Matis contra a tuberculose, a rubéola, polio, tétano e difteria. Assim sendo, um dos principais riscos que ameaçava a sobrevivência física do grupo, foi eliminado.

Enfim, assinalamos que ainda existe o risco de ocorrer um problema grande quando o atendente de enfermagem atual (Odinor Garcia da Silva) deixar suas funções em breve. De fato, é ele quem cuida dos Matis desde os primeiros contatos e ocorreram um grande número de mortes nestes últimos anos mas só na sua ausência. Os Matis estão convencidos que somente Odinor é capaz de cuidá-los. Como por outro lado os Índios pensam que só existe uma maneira de fazer as coisas, mesmo os médicos, para eles, são suspeitos se não tratarem com os mesmos gestos que Odinor. Isso tudo resulta uma situação difícil (até perigosa) uma vez que os Matis chegam a ameaçar os substitutos de Odinor quando se sentem mal cuidados.

CONTATOS COM O EXTERIOR :

A) Os contatos com os Marubos são frequentes. Como existem aldeias Marubos rio acima e rio abaixo do PIA, isto torna-se uma etapa cômoda. Por outra via, os Marubos de rio abaixo vem se abastecer de medicamentos no posto. No momento desses contatos, os Matis correm o risco de pegar doenças contagiosas (gripe, doenças venéreas, tuberculose) ainda mais que os Marubos vem frequentemente para serem tratados.

Constata-se que por outro lado as trocas realizadas entre os Matis e os Marubos se fazem invariavelmente em prejuízo dos primeiros. As mulheres, em particular, estão prontas para trocar seu artesanato por roupas usadas visto que a Funai recusa de dar roupas para elas.

Um dos Matis, Binan Tuku, o único que fala um pouco de português e de Marubo, foi buscar tracajas para os Marubos no verão de 85 mas o salário que recebeu foi tão irrisório que não parece ter mais a intenção de recommear!

A passagem frequente dos Marubos leva às vezes à roubos (tracajas, panelas) mas no geral as relações são pacíficas, sendo os Marubos o principal fator de aculturação para os Matis.

B) Os contatos com os habitantes do rio Itui e com pessoas desconhecidas em geral não se tornam um grande prazer para os Matis na maior parte dos casos. Resulta num ressentimento cada vez maior com respeito aos "civilizados" que faz com que, segundo os funcionários da Funai que conhecem os Matis há muito tempo, eles roubem muito mais frequentemente que antes porque acham os brancos mesquinhos.

C) Os contatos com os funcionários da Funai são geralmente nonestos, principalmente quando trata-se de pessoas que conhecem os Índios e que moram com eles. Mas é importante assinalar que os Índios se queixam que a cada vez que uma lancha da Funai chega a eles, os Índios são levados para grandes caças e não tiram praticamente nenhum benefício já que mais de 3/4 da carne que caçam é salgada e levada à cidade, assim como todas as tartarugas da aldeia.

D) Em janeiro de 85 uma equipe de televisão japonesa FUJI veio realizar um filme com os Matis. Apesar de terem vindo muitas pessoas (no último dia havia 19 pessoas!) para não incomodarem em nada a aldeia, a presença da equipe não deixou como a passagem anterior da equipe do francês Cousteau, uma má lembrança.

Na verdade, a única consequência negativa resultante da passagem dos japoneses foi que o dinheiro (quase 20 000 000) que eles deixaram para o posto não foi utilizado judiciosamente.

Certamente, um carregador de bateria à energia solar foi comprado, mas as outras coisas que eram fundamentais para o PIA (uma embarcação, um motor e gasolina para poder atender às urgências médicas, soro anti-oftálmico, uma geladeira à gaz para conservá-lo) fazem sempre muita falta. Em compensação, o dinheiro deixado pelos cineastas foi aplicado na instalação de uma cantina, em outubro de 85, no PIA Itui.

- Na cantina encontra-se um motor pequ-peque (sem rabo e sem gasolina), e :
- Objetos variados dos quais os Matis se servem (quantidades enormes de calções, cuecas, tesouras, 5 machados e 2 enxadas)
 - Outros, tais como tabaco (os Matis não fumam) e tecido (5 fazendas) que os Matis jamais utilizam.
 - Enfim outros, tais como "Jeans" e grandes recipientes em alumínio que antes os Matis não se serviam mas desde que lhes foi proposto começar a utilizar.

Os inconvenientes que a instalação de uma cantina traz são múltiplos :

- Ela cria necessidades já que os Índios são atraídos pelas coisas que lá estão. Além disso, os Matis sentem-se obrigados a trocar já que para eles é uma aliança com os brancos que esta em jogo, e não se recusa uma aliança desse tipo. De repente, tem-se a clara impressão que alguns Matis fazem as trocas, depois se arrependem quando percebem que estão com um grande stock de cuecas mas quase nenhum colar tradicional.

- Os Matis não entendem porque a Funai, que lhes dava gratuitamente tudo que queriam na época da atração exige de repente um pagamento imediato e com cifras (que evidentemente eles não compreendem) contra os bens da cantina, resultando um mal-estar ao PIA.
- A presença de tecido entre os presentes dos japoneses cria um problema particular visto que a política do chefe de posto substituto permite o uso de roupas por parte dos homens mas impede às mulheres, que sentem a chegada desse tecido como uma verdadeira provocação. De fato, para os Matis, recusar de dar alguma coisa à alguém equivale a dizer que não se ama a pessoa em questão. A raiva das mulheres é perfeitamente compreensível, tanto mais que existem muitos piuns no PIA, com uma necessidade de se vestir, e que os Matis lavam regularmente suas coisas com sabão (logo nenhum motivo de higiene invocável para recusar-lhes as roupas).

E) Um regatão, Raimundo Cabral, passa em média cada 2 meses no PIA, já que ele segue para os Marubos de Vida Nova a montante do Itui. Ele é o principal meio de abastecimento (comida, medicamentos, correspondência, querosene, etc.) do PIA.

A única ligação atual entre o regatão e os Matis limita-se à troca de tracajas por cartuchos. Em fevereiro de 86, nenhum Matis trabalhava para ele, mas escuta-se às vezes pessoas dizerem que se a Funai não os abastecesse da maneira que eles ambicionam, eles comparariam a vender madeira e borracha como o fazem os Marubos.

No conto geral, os Matis aceitam bem a passagem do regatão pois traz-lhes medicamentos, mas eles não entendem porque ele não lhes dá nada já que existe tanta mercadoria, e nem porque ele não dá valor ao artesanato que se nega a trocar.

ARTESANATO :

O artesanato Matis por ser muito valorizado, é comprado pela Funai por um preço alto em relação ao dos Marubos por exemplo. Desta forma os Matis tem fácil acesso aos bens de consumo que desejam e deixa-os agora fora da tentação de trabalhar a madeira ou a borracha à custa de suas atividades tradicionais, garantia de subsistência física e cultural.

Entretanto existem inconvenientes na situação atual :

A) Corre-se o risco de degradar a qualidade do artesanato. Observa-se por exemplo que os colares de dente de macaco não se fazem mais somente a partir dos incisivos de zogue-zogue, como antes. Desde que os Matis começaram a trocar os colares com os brancos, eles utilizam outras dentes de outras espécies, em detrimento da finura do colar e de sua significação tradicional.

B) A rarefação dos objetos artesanais (devido às trocas em grande escala) tem conseqüências nefastas sobre a coesão social nos matis. O caso dos colares de muru-muru a esse respeito é muito revelador. A circulação dos colares tem um papel muito importante pois significa o lugar de cada um dentro da sociedade, e o dom do colar é conseqüentemente portador de sentido. A rarefação dos colares enfraquecerá a mensagem social que até então vem veiculando. Isso tudo somado ao desaparecimento, desde o contato, de tatuagens e dos ritos que eles suscitam, e também a rejeição por parte dos jovens de ornamentos faciais portadores da identidade étnica, riscam fortemente de comprometer a integridade da cultura Matis.

As discórdias que levam as novas modalidades da troca de colares são explícitas no discurso das mulheres que se queixam que os homens dão o fruto do seu longo trabalho aos brancos sem tirar o menor benefício para elas mesmas. Elas perdem duplamente na troca pois continuam a respeitar os esquemas tradicionais.

Observou-se por exemplo o caso de um homem que tinha trocado os colares dados por sua mulher por uma panela de 20 litros impedindo-a de utilizá-la querendo assim guardá-lo limpo para lavar sua roupa ! Ora os colares são feitos para serem usados (principalmente pelos homens) e os recipientes fazem parte do domínio feminino.

C) O principal perigo que a substituição de objetos artesanais por objetos manu facturados traz à sociedade Matis é o empobrecimento da tecnologia deles assim como a dependência em que pode resultar. No fim da nossa estadia, por exemplo, as canas à flecha nao tinham chegado à maturidade, e alguns homens dependiam então do fusil para fazer a caça grossa, já tendo dado todas suas flechas aos brancos de passagem. Ora tratava-se principalmente dos mais novos, quer dizer, aqueles que nada tinham para trocar, que estão igualmente na idade em que se aprende a caçar com arco, e são os que tem menos acesso aos cartuchos.

Concluindo, podemos notar que é paradoxal o que permite de obter bens manufatura dos ser justamente o que é ameaçado pela introdução maciça desses bens. Visto que é evidente que a troca de espingardas por flechas e zarabatanas (por exemplo) estimule a produção (às vezes ao detrimento da qualidade) delas mesmas mais ameacem ao mesmo tempo seu papel tradicional.

VIDA SEDENTARIA :

Os Matis que moram tradicionalmente nas cabeças dos rios (uma autodenominação deles é desnan mikitbo, quer dizer gente do "mariz" dos rios) instalaram-se desde 1963 todos perto das bordas do Itui, num local onde existem muitos piums e onde a caça começa a ser rara. Como os Mayorunas, os Matis devem fazer longas expedições para atenuar a rarefação crescente da caça.

Alguns produtos como as frutas selvagens e o mel estão igualmente em via de rareiação nas imediações do Posto, uma vez que os matis derrubam as árvores na época da colneta.

O tatcnik (infusão de cipó essencial na vida ritual) não é mais utilizado visto que seria precisa ir buscar muito longe e, dizem os matis, o atendente de enfermagem impede-os por causa das cobras (na realidade, é pouco verosimil; dizer que a Funai o impede -Odinor não quer- volta a exprimir metaforicamente que isto tenha sido abandonado por causa do contato).

Do mesmo modo, o veneno de caça que os matis preferem se encontra muito longe do FIA e os Indios dependem da lanca da Funai para poderem ir. Isto é paradoxal porque o curare não deve ser apreciado das mulheres e estranhos. Alem disso, ele deve ser cozido longe da maloca. Ora são os estranhos que levam os Matis para procurar o veneno de lanca, pois, como ela não pode ficar muito tempo no local, levam-os ao Posto para lá cozinhar o veneno.

Finalmente, desde que os matis vivem grupados, parece que começaram a ocorrer mais disputas devido a essa convivência. E a maloca tradicional esta tambem sendo abandonada por não ser compativel com os laços de parentesco dos moradores do FIA nem com a presença de objetos "civilizados" que não podem entrar na maloca.

A grande maioria dos Indios espera voltar a viver sobre o Jacurapa, e isso se torna questão a cada vez que ocorre tensões com os brancos. Mas enfim, os matis permanecem, com medo de morrer (por falta de remédios) se não obedecerem aos brancos.

SUGESTÕES :

I) Habituar os Matis à presença (e aos hábitos) de um outro atendente de enfermagem antes da saída d'Odinor Garcia da Silva.

Seria igualmente útil convidar os funcionários da Funai para fazer injeções de água destilada no caso de os Índios insistirem por uma picada mas que a situação médica não o justifique.

Equipar o posto de uma embarcação e de uma geladeira para o soro anti-oidico.

Continuar a adquirir o artesanato Matis já que é o menor mal, mas evitar a todo preço incitar os Índios a produzir mais e a adquirir coisas que não precisam.

Em razão da terrível epidemia que dizimou os Matis já fazem 3 anos, o reagrupamento deles nas beiras do Itui foi necessário. Mas no momento, os Matis parecem ter encontrado um certo equilíbrio (alguns ritos abandonados nos últimos anos reaparecem) e demonstram vontade em retornar longe do Itui.

Seria necessário, sem dúvida, estudar a possibilidade de uma transferência do local do Posto. O problema do abastecimento do novo posto seria certamente aumentado, mais a necessidade que os matis ^{sentam} da presença da Funai é tão grande que eles aceitariam de boa vontade ajudar no transporte no interior.

rectification des erreurs du Povos :

MODE de VIE

1) il y a aujourd'hui deux villages (2 malocas), celui de Turni (40 personnes) et celui du poste (60 personnes).

dans le village du poste, au moins 4 familles ont définitivement quitté la maloca et vivent dans des maisons individuelles sur pilotis.

dans l'autre village, tous les hommes sauf un ont une maison individuelle mais tous dorment dans la maloca et y vivent la plupart du temps.

2) il n'y a pas de "chef" chez les Matis, mais des "responsables de maloca". Ceci n'est aujourd'hui vrai que pour la maloca de Turni.

Au poste, l'intendente Odinor a pris la place de shaman et a nettement un rôle de chef: les Matis le consultent lors des disputes et désaccords. Odinor a de plus donné beaucoup de pouvoir à Damã, un homme intelligent, mais dont beaucoup d'autres n'acceptent pas l'autorité.

3) Les morts peuvent également être incinérés.

4) Les Matis ne chantent pas pour guérir, seulement pour un décès.

5) Ils utilisent le venin de crapaud contre les maux de tête et de ventre, et surtout pour bien chasser.

6) Les Matis consomment énormément de bananes. C'est même leur aliment principal. Viennent ensuite le manioc doux, la pupunha et le maïs.

7) Aujourd'hui, les Matis font de grands jardins collectifs et ~~les~~ désherbent à la machete (terçado)

8) Aujourd'hui, les Matis ne consomment plus de paresseux, car les brésiliens leur ont dit que ça rendait paresseux.

9) Tous les hommes savent maintenant se servir d'un fusil. Tous sauf les 5 plus âgés l'utilisent régulièrement lorsqu'ils ont des cartouches.

Les Matis font de la Caissoma de pupunha mais surtout de maïs et de manioc doux.

- 11) Les sarbacanes ne sont pas recouvertes de sable mais d'os pilés.
- 12) Aujourd'hui, seuls 2 hommes sont bigames.

ORNEMENTS CORPORELS :

1) Les tatouages ont été abandonnés pour tous : ils ne seront plus faits (disent les Matis).

Tous les adolescents sauf un (le fils de Tumi) ont remplacé les boucles d'oreille de coquillages blancs par des boucles d'oreilles de femmes (☐). Deux hommes adultes déjà tatoués ont fait la même chose.

Un seul homme, Binã Tuku, qui parle un peu portugais du fait de plusieurs séjours en rille et chez des "madereiros", a ôté tous ses ornements faciaux - Il ne conserve que deux bâtonnets dans les oreilles.

2) Colliers : Ceux des femmes sont faits avec les dents des mêmes singes "zogue-zogue" et "bocca branca"; mais utilisent les molaires et prémolaires,

3) Peintures corporelles : avec du roucou, du genipapo et du caoutchouc. Elles se font (roucou) à la fin d'un deuil, lors de travaux collectifs (roucou), ou avant une grande chasse (empreintes digitales avec genipapo ou caoutchouc).

LE POSTE : Situation actuelle :

- il y a deux embarcations (petites pirogues de pêche), anciennes (l'une fuit) - Mais pas de moteur.
- une radio avec chargeur solaire, qui fonctionne bien, deux fois / jour.
- un attendente de infirmagern qui vit seul et qui a passé 11 mois de suite au poste sans pouvoir descendre en ville.

Nous pensons que la solution est de transférer le poste au Jacurapa, comme le suggère déjà le Povos.

Les accouchements ont lieu en dehors de la maloca, dans les jardins proches, ou au village même, sous les maisons à pilotis (la nuit). Seules quelques femmes participent au bain du nouveau-né et deviennent des personnes importantes pour l'enfant (ses "maraines").

Les Matis n'utilisent aucune contraception, aucun abortif, mais pratiquent l'infanticide (jumeaux, enfants nés par le siège et malformés). Les enfants sont allaités jusqu'à environ 1 an et demi.

Les Matis n'ont pas de toilettes dans la maloca. Ils urinent et défèquent dans la forêt, loin du village.

Situation des terres : le problème principal actuel est que les Matis sont aujourd'hui sédentarisés au bord de l'Itui à cause de leur dépendance au PIA et aux médicaments. Il en résulte :

- 1) Une raréfaction du gibier.
- 2) Une raréfaction des fruits sauvages et toutes autres ressources de la forêt utilisées par les Matis (palmes pour les nattes et les toits, bois de construction, noix sauvages pour les colliers, palmiers tukumã dont les Matis font leur frêle, etc...).
- 3) l'abandon de leur boisson rituelle, le tatchik, que l'on ne trouve que sur le Rio Branco, trop loin du poste.
- 4) Une dépendance des lanches de la FUNAI pour aller chercher le curare, trop éloigné du poste.

Notons que les Matis vont aujourd'hui couramment chasser sur la rive gauche (en descendant) de l'Itui.

Passages chez les Matis :

Nous sommes arrivés au PIA le 27 Janvier 1985. Odnor, en vacances, était remplacé par deus. Celui-ci, atteint d'hépatite et de malaria est descendu en ville quelques jours après notre arrivée et nous avons passé 10 jours seuls avec les Matis.

- 10 Février : arrivée en avion de 9 Japonais + Odnor + un Matis, Binā Tuku soigné à Atalaia pour une morsure de serpent.
- 15 Février : arrivée en deslisador de 10 autres Japonais + pilotes + fonctionnaires de la FUNAI.
en même temps, passage du regatão Raymundo Cabral accompagné de plusieurs Karubos.
- 20 Février : départ de toute l'équipe Fuji.
- Février : passage de la S.U.C.A.M.
- Juillet : 2 séjours (entrecoupés d'un voyage en amont à Vida Nova) de l'équipe du CIMI-FUNAI pour la campagne du Javari.
- Octobre-85 : passage d'une équipe de la FUNAI avec la lanche Arari venue 1°) emmener les Matis chercher du curare
2°) enquêter sur le meurtre probable de 2 "Korubos"
- * Fin décembre 85 : passage d'une équipe de la FUNAI ~~avec~~ 3°) déposer Lucio devant remplacer Odnor pendant ses vacances
venue 1°) soigner une épidémie de bléno-ragie parmi la population des enfants de 2-3 ans.
2°) apporter des médicaments pour le poste - Hélas, ceux-ci furent oubliés à la base d'Atalaia.
A cette occasion, 5 Matis ont été descendus en ville et y ont séjourné 1 mois :
 - 1°) Une fillette de 2 ans, gravement atteinte de bléno-ragie, accompagnée de
 - 2°) son père.
 - 3°) Chawan, un adolescent atteint de leishmaniose.
 - 4°) Binātuku, auquel il fallait arracher une dent.
 - 5°) Turni, atteint de malaria, qui a été emmené contre son gré.

RAPPORTS AVEC LES BLANCS

En surface, elles sont faciles et "amicales". Les Matis sont d'ailleurs les "enfants chéris" de la région. On entend toujours dire que les Matis sont des gens joyeux et heureux de vivre. En réalité, ils ne se remettent que très lentement de leur grand deuil, et ne sont pas prêts d'oublier les 50 décès de gens qui étaient tous des parents. (le seul mot portugais que connaissent tous les Matis est "morreu"). Cela reste le sujet de conversation des Matis avec les blancs. Les Matis parlent aussi avec beaucoup d'amertume des "nouvelles maladies" (bléissagie, toux, grippe, malaria). Ils parlent quotidiennement du "bon vieux temps" d'avant le contact. De même le Jacurapa représente aujourd'hui, sans aucun doute, le paradis perdu, "un endroit sans piurus, sans maladies inconnues, où il y a beaucoup de gibier, où l'on faisait beaucoup de fêtes et où l'on se tatouait."

Après chaque visite de blancs, il règne parmi les Matis une grande rancœur qu'ils ne laissent jamais percevoir pendant la visite même. Car en général, les échanges se font toujours au détriment des Matis et surtout des femmes. Par exemple, au cours de 3 passages en 14 mois d'équipes de la FUNAI, les Matis ont été emmenés chasser en amont, en lança. Les 9/10^e de la viande ont été salés et emportés par la FUNAI = les Matis n'ont pas voulu refuser de donner ce qu'on leur a demandé. Il en résulte beaucoup de rancœur.

Après avoir vu deux "blancs" se battre au poste, on a vu deux frères Matis (lien de parenté le plus fort) s'empoigner lors d'une dispute*, ce qui est totalement contraire à la culture et à la morale Matis.

Le problème le plus grave des Matis, qui est l'explication principale de leur faiblesse (abandon des traditions, soumission aux blancs), vient de la disparition des vieux. Il n'y a plus personne pour les guider et surtout pour les initier.

* à propos d'un poste de radio, donc à propos d'un rapport avec les "blancs". Un coup de feu a également été tiré en l'air lors d'une dispute où le village a été divisé en deux autour de la question: rester ou non avec la FUNAI.

Janvier 86 : passage - visite du regatão Nestor

• Février 86 : 2 passages - séjours entrecoupés d'un voyage de 10 jours à Vida Nova de l'équipe médicale de la FUNAI, (voir relatório).

* • Décembre 85 : visite du missionnaire américain de Vida Nova accompagné d'un médecin américain.

de plus pendant l'année il y a eu au moins 5 passages de Cabral (regatão).

de Marubos venus soit - pour se procurer des médicaments ou de faire traiter sur place par Odinar.

Vida Nova. - pour faire étape en route pour

(fonctionnaire de la FUNAI Marubo et son épouse Culina). - pour désherber autour du poste

madereiros accompagnant Cabral ou venus se procurer des médicaments ou des soins au poste. • quelques passages de

Résumé des abandons définitifs depuis le contact :

- tatouages et rites de tatouages (Le rite Matis par excellence, avec chants et danses spécifiques, etc...).
- consommation d'infusion amère à-jéun avant la chasse, ou celle de piment, contre le "panema".
- décoctions amères dans les yeux, bouche, oreilles, nez des chasseurs contre le panema (aujourd'hui, on ne le fait qu'aux chiots).
- consommation du pervers.
- certains interdits alimentaires (ara, paca, etc...).
- nudité chez les hommes (à part le plus vieux).
- shamanisme.
- la plupart des ornements faciaux des adolescents.
- la maloca - ^{2) progressifs} (dans le village du poste).
Au poste, rares sont aujourd'hui les repas collectifs pris au centre de la maloca.